

SEXO, GÊNERO E INTERSEXUALIDADE

Amanda de Almeida Schiavon (1); Janine Pestana Carvalho (2); Airi Macias Sacco (3)

¹Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Pelotas – amandaschiavon@yahoo.com.br ; ²Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Pelotas – janinepcarvalho@hotmail.com ; ³Doutora em Psicologia, Universidade Federal de Pelotas – airi.sacco@ufpel.edu.br

Introdução

O presente estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa que tem por objetivo refletir, por meio de pressupostos teóricos, sobre as relações e diferenças entre sexo, gênero e os corpos intersexuais. O sujeito intersex apresenta um corpo que não se enquadra nas conhecidas definições de um corpo propriamente masculino ou feminino. O termo abrange variadas condições nas quais as pessoas nascem com características de ambos os sexos, seja relacionadas à anatomia sexual e/ou aos órgãos reprodutivos e genitais (PINO, 2007).

O sexo define, no nascimento, se a pessoa é homem ou mulher de acordo com as características físicas, anatômicas e fisiológicas. Já o gênero, feminino ou masculino, é percebido como uma transformação psicológica do eu construída cultural e socialmente e que molda o comportamento. Gênero é o papel atribuído a cada sexo, um conjunto de atos que se repetem e definem a presença de masculinidade ou feminilidade (FAUSTO-STERLING, 2002; SPINOLA-CASTRO, 2005; BORGES et al., 2016).

Método

Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica a respeito do tema, utilizando como palavras-chave “sexo e/ou gênero e/ou intersexualidade”. De acordo com os resultados, foi traçada uma reflexão comparativa entre os termos, abordando a possibilidade do corpo intersex de romper com os padrões culturais binários.

Resultados e discussão

Ao abordar a intersexualidade, nota-se a confusão ainda existente entre sexo e gênero e o quanto estes conceitos se inter-relacionam com o termo intersex. A divisão entre sexo para

falar do biológico e gênero referindo-se à construção social vem sendo criticada pelo binarismo entre natureza e cultura. Se o gênero é uma construção cultural assumida pelo corpo sexuado, logo o sexo pode ser também determinado socialmente. Talvez o sexo seja tão culturalmente concebido quanto o gênero, talvez nem mesmo exista uma distinção entre sexo e gênero (BUTLER, 2014). Assim, são colocados em questão os binarismos culturais e a possível construção social e cultural do sexo, afinal são as crenças sociais no gênero que definem o sexo. Definir alguém como homem ou mulher é uma decisão social (FAUSTO-STERLING, 2002; PINO, 2007).

Existe um questionamento que diz respeito às possibilidades de romper com o binário oposicional estabelecido entre homem e mulher, a intersexualidade parece possuir um grande potencial para auxiliar neste rompimento ou, ao menos, para colocar em questão esta binaridade (BUTLER, 2014). Os corpos intersex, que vão além do binário, por muitos anos vêm sendo transformados para que mantenham e sigam as relações de coerência e continuidade de um sexo e de um gênero impostos socialmente. São realizados procedimentos cirúrgicos adequando e padronizando aquele corpo que irá se tornar sexuado (FAUSTO-STERLING, 2002; CABRAL; BENZUR, 2005; PINO, 2007; BUTLER, 2014). Com base nisso, cabe questionar: não seria esta uma construção social e cultural do sexo? Não devemos negar a biologia do sexo, mas sim pensar o corpo como um sistema que produz significados e também é produzido social e culturalmente por eles (FAUSTO-STERLING, 2002; BUTLER, 2014).

O grupo de ativismo ISNA (Intersex Society of North America) defende, portanto, o fim dos procedimentos cirúrgicos precoces, dando visibilidade aos casos de descontentamento com a decisão médica (MACHADO, 2005). Além disso, afirma que a intersexualidade não é um problema de gênero, mas de trauma e de estigma. São corpos traumatizados por não serem aceitos, tendo que passar por intervenções cirúrgicas, tratamentos hormonais, além do ocultamento destas situações e de informações (MACHADO, 2005; PINO, 2007).

Considerações finais

Os corpos intersex são estigmatizados como corpos impossíveis por não se enquadrarem na binaridade que a sociedade impõe. Por este motivo, os intersex vêm sendo, por anos, transformados e mutilados, muitas vezes enquanto crianças, quando nem sequer têm voz e vez para decidir e reivindicar sobre seus corpos. Parece que a definição de sexo, nestes

casos, é realizada apenas para satisfazer as angústias de uma sociedade que foi educada para padronizar e, portanto, não consegue lidar com as diversidades daquilo que foge do binário homem/mulher, masculino/feminino.

Referências:

BORGES, Roxana Cardoso Brasileiro; SOUZA, Andréa Santana Leone de; LIMA, Isabel Maria Sampaio Oliveira. **A Autonomia da Criança Intersexual: Crítica à Teoria Jurídica das Incapacidades.** Joaçaba, v. 17, n. 3, p. 933-956, set./dez. 2016.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução: Renato Aguiar. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CABRAL, Mauro; BENZUR, Gabriel. **Cuando digo intersex: Un diálogo introductorio a La intersexualidad.** Cadernos pagu (24), janeiro-junho de 2005, p.283-304.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo.** Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Valter Arcanjo da Ponte. Cadernos pagu (17/18) 2001/02: Pagu/Unicamp, p.9-79.

MACHADO, Paula Sandrine. **“Quimeras” da Ciência: a perspectiva de profissionais da saúde em casos de intersexo.** Revista Brasileira de Ciências Sociais – vol. 20, nº 59 – outubro/2005.

PINO, Nádía Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos.** Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007: Pagu/Unicamp, p.149-174.

SPINOLA-CASTRO, Angela Maria. **A Importância dos Aspectos Éticos e Psicológicos na Abordagem do Intersexo.** Arq Bras Endocrinol Metab - vol 49 nº 1 Fevereiro 2005, 46-59.